



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ALUNA: CAMILA DE MOURA LIMA

**TRILHANDO CAMINHOS: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE NA
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA - SUBPROJETO HISTÓRIA (2022/2024)**

Campina Grande

2024

**TRILHANDO CAMINHOS: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE NA
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA - SUBPROJETO HISTÓRIA (2022/2024)**

Trabalho submetido ao curso de Licenciatura em História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Prof.(a) Regina Coelli
Gomes Nascimento

**Campina Grande
2024**

**TRILHANDO CAMINHOS: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE NA
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA - SUBPROJETO HISTÓRIA (2022/2024)**

O presente trabalho em nível de Graduação foi avaliado e aprovado, em ___/___/_____, pela
banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. (a) Regina Coelli Gomes Nascimento
Orientador (a)

2024

DEDICATÓRIA

“Eu não sabia que doía tanto

Uma mesa num canto, uma casa e um jardim

Se eu soubesse o quanto dói a vida

Essa dor tão doída não doía assim”

(Composição de Sérgio Bittencourt, 1974)

Ao meu avô, carinhosamente chamado de bigode, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

“Eu sou a continuação de um sonho

Da minha mãe do meu pai

De todos que vieram antes de mim

Eu sou a continuação de um sonho

Da minha vó, do meu vô

Quem sangrou pra gente poder sorrir”

(Composição de Abebe Bikila)

Certamente, não posso afirmar que sou a continuação de um sonho, pois as duas pessoas que me guiaram até aqui não tiveram sequer a oportunidade de sonhar, mas me fizeram realizar. Agradeço com toda a minha alma à minha mãe, Cícera, e à minha avó, Valdizia, que de tudo fizeram e continuam fazendo por mim. Sem vocês, eu certamente não teria chegado até aqui. Agradeço a Deus por todas as oportunidades e livramentos, pela minha força e também por todas as minhas fraquezas que é o que me fazem ser quem sou.

Ao meu namorado, amigo e futuro marido, Marley, agradeço profundamente por me acompanhar e apoiar nesta trajetória. Estendo os agradecimentos aos seus pais, Vânia e José Filho, e às suas irmãs, Leyla e Lays, que sempre me acolheram como família.

Aos melhores companheiros que eu poderia ter, Débora, Cícero e Letícia, obrigada por tornarem essa caminhada mais leve. Agradeço também aos meus amigos Joyce, Giovanna, João Paulo, Thamara e Raylla, que muitas vezes compartilharam comigo angústias e risadas.

Sou grata à professora Regina Coelli por aceitar orientar-me neste trabalho. Agradeço a todos os professores que tive até hoje, tanto no ensino básico quanto no ensino superior, que contribuíram para a minha formação. E, por último, mas não menos importante, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro, bem como a toda a equipe da ECI Professor Itan Pereira, especialmente à preceptora Ana Cláudia Fernandes de Araújo.

Sem o apoio e o amor de cada um de vocês, este momento não seria possível. Minha gratidão é imensa e eterna.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo refletir e problematizar a experiência vivenciada em uma Escola Cidadã Integral (ECI) da Paraíba, por meio do programa de Residência Pedagógica, subprojeto de História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), ao longo do ano de 2023. A escola em foco é a Professor Itan Pereira, situada no bairro de Bodoncogo, em Campina Grande S//N. A documentação selecionada consta dos relatos feitos em cada módulo do programa, fotos e documentação da escola. A decisão de abordar minha experiência dentro do ambiente escolar surgiu após estar inserida e totalmente envolvida com a profissão. A Residência Pedagógica proporcionou diversos aprendizados, mas também enfrentei muitos desafios, os quais decidi explorar nesta pesquisa. O objetivo é refletir memorialmente sobre essa experiência, estabelecendo um paralelo com minhas vivências acadêmicas no ensino superior e o processo de formação de professores. Recorro aos conceitos de prática pedagógica e educação de Paulo Freire (1996), dialogando com o conceito de experiência de Jorge Larrosa (2016), e o conceito da escrita de si de Michel Foucault (1983).

Palavras-chaves: residência pedagógica, experiência, estudantes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
I CAPÍTULO - TRAJETÓRIA DE ESCOLARIZAÇÃO E FORMAÇÃO DOCENTE. 10	
II CAPÍTULO - PRÁTICA DE ENSINO NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA ECI ITAN PEREIRA.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	34

INTRODUÇÃO

Em 2017, concluí o ensino médio antes das mudanças drásticas pelas quais o sistema de ensino passou. Retornar relativamente pouco tempo depois e observar tantas transformações além de revelador foi um evento significativo e impactante em minha vida. Este trabalho se justifica pela necessidade de compreender e problematizar as políticas educacionais, especialmente as de cunho neoliberal, e suas influências no cenário acadêmico brasileiro. Nos últimos anos, as escolas em tempo integral têm ganhado destaque, e o trabalho para sua implementação está sendo gradualmente realizado.

Tanto o Estado quanto outras instituições educacionais defendem que esse modelo de ensino promove cada vez mais o aprendizado dos estudantes, oferecendo uma formação mais completa e abrangente. A partir dessa perspectiva, este relato de experiência busca trazer à tona questões fundamentais sobre formação docente e prática de ensino de História, analisando como essas mudanças no sistema educacional impactam diretamente na vida dos educadores e educandos. A relevância deste estudo está em compreender não apenas as transformações estruturais, mas também as experiências individuais e coletivas que moldam a educação contemporânea.

Este relato tem como objetivo principal analisar e problematizar minha formação docente e prática de ensino de História. A reflexão será realizada a partir das práticas vivenciadas no programa de Residência Pedagógica, buscando destacar as diferenças e compatibilidades entre as formas de ensino em nosso país. Dessa forma, espero proporcionar uma compreensão mais profunda do processo de mudança e das principais influências para a implementação de uma nova abordagem educacio¹nal.

As fontes utilizadas neste trabalho incluem o projeto de modelo pedagógico da escola em questão, diários de campo, fotografias autorais tiradas no final de 2022 e ao longo do ano de 2023 e os relatórios elaborados a cada seis meses e enviados à CAPES, órgão responsável pelo Programa de Residência Pedagógica (PRP). Como aporte teórico, metodológico e historiográfico recorro aos conceitos de prática pedagógica e educação de Paulo Freire (1996), dialogando com o conceito de experiência de Jorge Larrosa (2016) e o conceito da escrita de si de Michel Foucault (1983).

¹ Neste trabalho utilizarei a sigla PRP quando fizer referência ao Programa de Residência Pedagógica.

Utilizo os conceitos de prática pedagógica e educação de Paulo Freire (1996), que enfatizam a importância da educação como prática de liberdade e o papel fundamental do diálogo e da consciência crítica no processo educativo. O conceito de experiência de Jorge Larrosa (2016) é central para minha análise, proporcionando uma compreensão profunda das experiências vividas e da forma como elas moldam nossa identidade e práticas pedagógicas. Além disso, o conceito da escrita de si de Michel Foucault (1983) oferece uma perspectiva reflexiva sobre a construção da identidade docente e a importância da narrativa pessoal na formação profissional.

No primeiro capítulo, abordo o primeiro contato e as primeiras impressões que tive da escola como espaço socioeducativo, incluindo observações sobre o corpo docente, os estudantes e a infraestrutura. Descrevo o ambiente escolar e como ele reflete as políticas educacionais em vigor. Refiro-me a uma rica experiência conduzida juntamente com a professora preceptora Ana Cláudia Fernandes de Araújo: uma aula de campo realizada no Parque de Bodocongó, em Campina Grande. Essa atividade proporcionou uma oportunidade única de observar a interação dos estudantes com o ambiente natural e discutir questões ambientais e históricas *in loco*. Problematizo as memórias selecionadas para contar sobre essa experiência e como elas influenciam a narrativa da minha trajetória de escolarização.

No segundo capítulo, reflito sobre o cotidiano da escola e os prazeres e desafios encontrados na profissão que escolhi. O dia a dia na escola é marcado por uma rotina dinâmica e, muitas vezes, imprevisível. Cada dia traz novas situações e oportunidades de aprendizado, tanto para os estudantes quanto para os professores. Descrevo como foi a experiência de orientar os estudantes na execução de um evento em alusão ao dia do historiador. Discuto a importância da gestão de conflitos e da promoção de um ambiente de respeito e colaboração, destacando as estratégias utilizadas para construir um clima escolar positivo e inclusivo.

I CAPÍTULO - TRAJETÓRIA DE ESCOLARIZAÇÃO E FORMAÇÃO DOCENTE

Este capítulo aborda minha trajetória de formação docente e as memórias associadas às práticas de ensino, destacando as experiências vivenciadas durante minha residência pedagógica na Escola Professor Itan Pereira. O objetivo é analisar essas vivências sob a perspectiva da escrita de si, problematizando como elas influenciaram meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Recordo-me com clareza da primeira vez em que visitei a Escola Professor Itan Pereira, no final de 2022. Até então, eu nunca havia ouvido falar sobre essa instituição, apesar de sua proximidade com a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Essa falta de conhecimento se deu, em grande parte, ao fato de eu não ser natural de Campina Grande, o que fazia com que muitos locais da cidade me fossem desconhecidos. Assim, toda a experiência foi extremamente nova e revigorante para mim.

A primeira vez que visitei a escola foi em companhia da professora Regina Coeli, coordenadora do Programa de Residência Pedagógica (PRP), e de mais três colegas residentes que também desempenharam suas funções naquela instituição. Fomos no turno da manhã e, ao chegarmos, observei que a escola está situada em uma rua com pouquíssima movimentação. Outra característica que me chamou a atenção foi o muro da escola, bastante colorido, fazendo com que o prédio se destacasse dos demais na vizinhança.

Ao assumir a docência na ECI Professor Itan Pereira, deparei-me com um ambiente dinâmico e desafiador. A escola está situada na rua Luís Mota S/N no bairro de Bodocongó, em Campina Grande e é referência na educação da Paraíba. Funciona no turno integral atendendo ao nível fundamental II e ensino médio. A Escola Professor Itan Pereira desempenha um papel vital na comunidade de Bodocongó, oferecendo não apenas uma educação de qualidade, mas também contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e ativos.

O programa Escola Cidadã Integral é um novo modelo que vem sendo implantado na Paraíba desde 2016. O programa foca na formação integral dos jovens através de um currículo inovador e metodologias específicas. Essas escolas oferecem salas temáticas, laboratórios de informática e ciências, e outros ambientes de aprendizado, onde os alunos desenvolvem habilidades cognitivas e socioemocionais. O objetivo é que os alunos se engajem ativamente em seu próprio desenvolvimento e se sintam parte de seu projeto de vida.

Ao longo deste relato, discuto os desafios e aprendizados decorrentes da adaptação ao ambiente escolar, a interação com os alunos e colegas professores, bem como a organização de atividades extracurriculares e outras vivências que valem a pena destacar, pois ampliaram minha visão sobre a docência. Além disso, reflito sobre o papel da autonomia dos estudantes na construção do conhecimento, inspirada pelas ideias de Paulo Freire.

Foto 1: Imagem de satélite da localização da escola Professor Itan Pereira



(Fonte: google maps)

Foto 2: Imagem de satélite da rua Luís Mota, onde fica localizada a escola



(Fonte: google maps)

Chegando na escola naquela manhã do dia 17/11/2022, o porteiro da escola abriu o portão para que o carro da professora fosse estacionado. Assim que saímos do veículo, fomos ao encontro da professora Ana Cláudia. Recordo-me que fomos guiados por ela até uma mesa redonda, situada perto da sala da secretaria, onde permanecemos por algum tempo aguardando uma outra colega que se atrasara. Ali já começamos a socializar e conversar sobre a estrutura da escola e o quanto estávamos animados. Eu, particularmente, já tinha visto a preceptora Ana Cláudia pessoalmente apenas uma vez.

Foi em um evento promovido pela UFCG, onde ela foi convidada a palestrar sobre os desafios do NEM (Novo Ensino Médio). Já havia conversado com ela através do WhatsApp, mas foi naquele dia que se deu um contato maior. Fomos bem recebidos por ela, que com um sorriso sempre fácil no rosto nos deu um forte abraço e prontamente começou a nos falar sobre o funcionamento da escola. Pouco tempo depois, a colega que estava faltando chegou e juntou-se a nós. A coordenadora Regina começou a nos falar um pouco mais sobre o planejamento da Residência Pedagógica para aquele período de final do ano letivo.

Foto 3: Fachada da escola Professor Itan Pereira



(Fonte: retirada do site portal da capital)

Foto 4: Primeira visita à escola, juntamente com a coordenadora e os demais colegas residentes.



(Fonte: acervo pessoal)

Após essa visita, lembro-me de ter retornado à Escola Professor Itan Pereira aproximadamente três vezes ainda no ano de 2022. Como mencionado anteriormente, as atividades escolares estavam se encerrando, e decidimos que, nesse período, iríamos além de observar e nos habituar ao ambiente, construir um relatório sobre as primeiras impressões, contendo informações sobre a escola e realizar a cartografia do espaço escolar. Quando afirmo que toda essa experiência foi revigorante para mim, acredito que não se tratou de uma vivência individual. Levando em consideração o contexto pelo qual não só a comunidade acadêmica, mas a população em geral havia acabado de passar e ainda estávamos nos readaptando pós pandemia de Covid-19, essa experiência teve um impacto significativo.

Foi apenas no início de 2022 que as aulas na UFCG voltaram a ser presenciais, após dois longos anos de pandemia que assolaram o mundo. Durante esse período de isolamento social, as atividades acadêmicas foram severamente afetadas, e o retorno às aulas presenciais trouxe uma série de desafios e adaptações tanto para estudantes quanto para professores.

Nesse sentido, minha chegada à Escola Professor Itan Pereira marcou não apenas o início de uma nova etapa em minha formação docente, mas também um momento de retomada e reconstrução para toda a comunidade acadêmica.

Com a pandemia de Covid-19, houve uma mudança significativa na minha vida profissional. Minha mãe, que me dava suporte financeiro, perdeu o emprego. Em meio ao caos, tive que procurar trabalho e comecei a atuar na AeC, uma empresa de telemarketing em Campina Grande. Quando as aulas retornaram, conciliar o trabalho com as atividades acadêmicas tornou-se complicado. Ao ser aprovada no processo de seleção da Residência Pedagógica, senti uma mistura de felicidade e preocupação por não conseguir conciliar tudo. Decidi então sair do emprego. Embora o cenário fosse incerto, o aumento no valor da bolsa e o suporte contínuo da minha mãe permitiram que eu me dedicasse exclusivamente aos estudos e à residência, decisão da qual não me arrependo.

Foto 5: Segunda visita ao Itan, dia da culminância do projeto de tutoria.



(Fonte: acervo pessoal)

Já no ano de 2023, as atividades da residência foram recomeçadas. Acertamos com a preceptora Ana Cláudia quais turmas cada residente ficaria responsável por lecionar, a fim de que nenhum residente ficasse com horas a mais ou a menos. No meu caso, fiquei encarregada

de lecionar as aulas de História na turma do 1º ano “B” do ensino médio. No formato do Novo Ensino Médio (NEM), algumas disciplinas perderam um pouco a sua carga horária. História, como parte da área das ciências sociais e humanas aplicadas, infelizmente foi prejudicada.

É impossível narrar minha experiência como residente sem ressaltar o quanto essas alterações realizadas na educação afetaram negativamente o ensino/aprendizagem e o desenvolvimento de estudantes e professores. Pelo fato de a carga horária da disciplina de História ter sido reduzida, contávamos com duas aulas semanais, mas em apenas uma era trabalhado efetivamente o ensino de História. A outra aula era destinada a uma espécie de formação.

Foto 6: Primeiro planejamento entre preceptora e residentes.



(Fonte: acervo pessoal)

A foto acima mostra um planejamento que foi de suma importância, pois com a carga horária reduzida, as aulas tinham que ser muito bem divididas entre os residentes e para cumprir a carga horária de regência proposta pelo programa de residência pedagógica, tive que lecionar nas eletivas. Estas são componentes curriculares opcionais que os alunos podem escolher conforme seus interesses e necessidades. As eletivas são projetadas para

complementar o currículo obrigatório e proporcionar uma educação mais diversificada e personalizada, contribuindo para o desenvolvimento integral do estudante.

Confesso que, de início, não fiquei entusiasmada. Meu desejo era lecionar a disciplina de História propriamente dita, e essa foi a primeira "virada de chave" para mim. Compreendi que os desafios que perpassam a profissão são tantos e tão peculiares a cada instituição. O preparo para ministrar essas aulas era bem diferente, até porque eu dividia a eletiva com outra colega residente de História e uma de Química, vinda da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Foi trabalhando com essa eletiva, algo que de início me causou estranheza, que vivi um dos momentos mais ricos para mim. A colaboração entre as disciplinas e o planejamento conjunto trouxeram uma nova perspectiva sobre a prática pedagógica. Essa experiência destacou a importância da interdisciplinaridade e da flexibilidade no ensino, elementos essenciais para a formação integral dos alunos. Além disso, possibilitou-me desenvolver habilidades de adaptação e inovação no contexto educacional, ampliando minha visão sobre o papel do educador.

Este momento foi a realização do trabalho de campo feito na turma da Eletiva intitulada "historicizando e reaproveitando" da ECI Professor Itan Pereira, localizada na rua Luiza Mota S/N no Bairro de Bodoncoço em Campina Grande, a visita foi feita ao parque que carrega o mesmo nome que o bairro, através da Residência Pedagógica (PRP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Subprojeto História. A aula de campo aconteceu no dia 03/04/2023, com estudantes inscritos na Eletiva que conta com discentes do 8º, 9º, 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental e médio.

A Eletiva foi montada pela professora de História, Ana Cláudia juntamente com a professora de Química, Silvia Cavalcanti. Consistindo em 15 encontros, no qual um deles foi a aula que aconteceu no parque de Bodocongó para analisar a sua estrutura, localização, utilidade para população, aspectos ambientais, arquitetura e urbanização do trajeto feito, a fim de posteriormente discutirmos sobre os mesmos e ver as possibilidades de reaproveitamento do lixo que foi encontrado no trajeto e no parque.

Visto que o Novo Ensino Médio (NEM) é um desafio para todos e principalmente para os professores, ter a oportunidade de participar de todas as mudanças ocorridas é muito enriquecedor, ver como está sendo desenvolvido e adaptado para cada realidade, encarar os desafios, além de buscar enxergar e promover as vantagens do mesmo, me fez escolher uma

prática desse novo aspecto desafiador que, são as Eletivas, mais especificamente Eletiva é um componente curricular oferecido semestralmente e de livre escolha dos estudantes.

Os objetivos da aula de campo foram alguns, por exemplo, fazer com que os estudantes observassem não só o local (parque de Bodoncogó), mas em todo o trajeto chamar a atenção deles para a dificuldade no acesso, o lixo nas ruas, a arquitetura, a vegetação, e os esgotos, isso tudo foi pontuado e fotografado por eles, para posteriormente as problematizações serem feitas e até mesmo soluções propostas.

Quando mencionei anteriormente a dificuldade de realizar esse tipo de aula em uma sociedade que valoriza uma educação tradicional, ou seja, conduzida de forma bancária, evidenciei um diálogo profundo e contínuo com os pensamentos de Paulo Freire (2019), bem como com as obras de Italo Inglez (2018) e José Januário Corrêa (2015). Nesse contexto, a experiência de tentar inovar e engajar os alunos em práticas pedagógicas mais interativas e participativas pode ser vista como um esforço para romper com as limitações impostas pelo modelo tradicional.

A aula ocorreu no dia 03 de abril de 2023, entre os horários de 10:20 da manhã e 12:00 horas, saindo da escola ECI Professor Itan Pereira até o parque de Bodocongó, ambos ficam no mesmo bairro. Antes de sairmos repassamos aos estudantes o trajeto a ser feito, os aspectos que deveriam ser observados e conferimos a autorização que foi dada a eles numa aula anterior, para que os pais assinassem permitindo a saída deles da escola.

Além da dificuldade de disaçojar que uma aprendizagem efetiva só acontece da maneira tradicional, foram encontradas outras dificuldades para a realização da aula de campo, a autorização dos pais é uma delas, pois alguns não consentiram, mesmo que a licença tenha sido enviada com antecedência e a explicação de como ocorreria a aula tivesse sido repassada para os estudantes, para que os pais também ficassem cientes. Numa aula como essa o trabalho começa a ser feito antes da mesma acontecer, para assim evitar imprevistos e mesmo assim algumas situações podem vir a fugir do planejado.

Para Paulo Freire (FREIRE, 2019, p. 33) estabelecer uma relação dialógica entre o professor e o aluno é uma ferramenta indispensável para a construção de uma boa relação e logo para construir o conhecimento, levando em consideração não o que eu, ou as outras professoras responsáveis pela disciplina sabem sobre o parque de Bodocongó, mas sim a visão dos alunos a partir do momento em que estamos no ambiente, o momento em que eles estão lá não apenas para o lazer, mas para olhar com mais criticidade aquele espaço de uso comum para eles e para o restante da população.

Levar em consideração e transformar as percepções deles em debate, isso constrói conhecimento. As obras do Parque Bodocongó fazem parte de um projeto de urbanização do entorno do açude localizado na Zona Oeste de Campina Grande. O açude de Bodocongó, foi construído com a finalidade de suprir a escassez de água na região, o início da construção foi em 1915 e foi entregue em 11 de fevereiro de 1917, com o crescimento natural da população, surgiu em torno do açude, o bairro que recebeu o nome de Bodocongó por conta do riacho.

O parque foi construído para urbanizar e valorizar a região, promovendo uma reorganização econômica e social e desenvolvendo novas camadas urbanas. Saímos da escola em direção ao parque, que fica a 2,2 km de distância, um percurso de cerca de 25 minutos. Logo após a saída, os mesmos grupos da sala de aula começaram a se formar, exigindo muita atenção, pois a turma é grande e os estudantes, por se tratar de uma Eletiva, possuem idades variadas.

Foi necessário que no início do trajeto chamássemos a atenção deles para observar os aspectos anteriormente informados e fotografá-los, também o cuidado com o trânsito no caminho. Quando começamos a de fato adentrar nas redondezas do parque, os estudantes já se animaram para fotografar o cenário e destacar a aparência da localidade. Busquei sempre estar com um grupo que estivesse mais afastado da professora Ana Cláudia e da outra residente, Joice.

Conversado com eles sobre o lixo e o difícil acesso ao parque, já que não fomos da forma mais usual, fiz fotos para que eles também se instigassem, passei por todos os trajetos com eles, até os de mais difícil acesso e a caminhada acabou se tornando também uma aventura, mas sempre com cuidado.

Foto 7: Estudantes fotografando o caminho para o parque.



(Fonte: acervo pessoal)

Foto 8: Estudantes atravessando um caminho alternativo para chegar até o parque.



(Fonte: Acervo pessoal)

A educação de qualidade, com fácil acesso e permanência, não apenas prepara o indivíduo para o mercado de trabalho, mas também lhe permite perceber a realidade do meio em que está inserido, levando-o a pensar sobre os problemas que o afetam, a fim de torná-lo capaz de transformar a si mesmo e, conseqüentemente, de ajudar a modificar uma sociedade apática em crítica e ativa. (INGLEZ, 2018, p. 15).

Fazendo uso desse pensamento, levar os estudantes para observar um parque de lazer feito para a população, é algo interessante, mas é preciso instigar a visão crítica dos estudantes, antes, durante e depois dessa visita e é aí onde o trabalho do professor de história entra mais efetivamente, oferecemos a possibilidade de diálogo para proporcionar a problematização do lugar, isso foi feito em algumas aulas antes.

A experiência na Residência Pedagógica (PRP) gerou ótimos frutos. A discussão após a visita ao parque levou a reflexões sobre poluição, urbanização e desigualdade social, exercitando o senso crítico dos estudantes. Para mim, o crescimento pessoal foi ainda maior. Realizar esse tipo de aula pela primeira vez me instigou a explorar e desenvolver novas metodologias.

Em sala de aula temos preocupações, como: construir o conhecimento da melhor maneira possível, ter uma boa didática, seguir o plano de aula, mas na aula de campo os desafios são outros, manter a atenção em todos os estudantes, guiá-los de forma que façam eles entenderem que o objetivo não é apenas uma aula diferente, mas captar o que foi proposto.

Sem contar que a forma de interação é totalmente diferente, no momento pude desenvolver diálogos com estudantes que em sala de aula não participavam tanto, como também fortalecer laços com outros e tive que exercitar a responsabilidade com cada um deles, buscar manter a ordem desde a hora em que saímos até o momento que voltamos. Sem dúvidas a aula de campo foi uma grande contribuição e experiência para o meu desenvolvimento como docente.

O tempo em que estive à frente dessa eletiva com minhas colegas foi curto, mas muito gratificante. Surpreendeu-me positivamente, apesar dos desafios mencionados. Tive a oportunidade de me relacionar melhor com vários estudantes de diferentes turmas e faixas etárias, não apenas os do 1º ano "B". Isso tornou meus dias na escola mais agradáveis, pois sempre havia alunos e alunas que vinham ao meu encontro para cumprimentar e conversar comigo.

Foto 9: Aula da eletiva “historicizando e reaproveitando”.



(Fonte: acervo pessoal)

Na obra “A escrita de si” Foucault enfatiza que a escrita não era apenas um registro de pensamentos, mas um processo ativo de transformação do eu. Logo ao escrever, o sujeito não somente registra as suas experiências, mas tem a capacidade reinventa-las, lhes dá novas interpretações. "A escrita de si aparece, então, como um procedimento cuja função é permitir ao sujeito uma certa decifração de si próprio, ao mesmo tempo em que lhe dá os meios para se modificar, para se fazer outra, para se transformar" (FOUCAULT, 1983, p. 4). E acabou sendo exatamente isso que me ocorreu quando comecei a relatar minhas experiências, é como se eu estivesse vendo um filme pela segunda vez e percebendo detalhes que me parecem novos, mas estavam lá, bastava apenas um olhar mais atento.

Ao problematizar essas experiências, percebo como elas tocaram profundamente tanto minha formação pessoal quanto acadêmica. O desafio de adaptar meu planejamento pedagógico às novas diretrizes e à carga horária reduzida de História exigiu um esforço significativo de reflexão e criatividade. Essa vivência reforçou a necessidade de uma formação contínua e de uma abordagem pedagógica que seja sensível às mudanças e necessidades do contexto educacional.

II CAPÍTULO - PRÁTICA DE ENSINO NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA ECI ITAN PEREIRA

Este capítulo relata algumas das muitas experiências e reflexões durante minha participação no Programa de Residência Pedagógica (PRP) na Escola Estadual Professor Itan Pereira. Meu objetivo é explorar como essa experiência contribuiu para minha formação docente, bem como para a construção de minhas memórias e identidade profissional. Analiso como as práticas de ensino vivenciadas durante a residência pedagógica influenciaram minha formação como educadora, destacando as experiências que mais me tocaram pessoal e academicamente.

Após minha saída da eletiva "Historicizando e Reaproveitando", assumi as aulas na turma do 1º ano "A". Essa mudança foi apenas uma das muitas que ocorriam frequentemente na escola, onde a dinâmica dos horários dos professores era bastante instável. No entanto, estabeleci-me de forma mais fixa nas duas turmas do primeiro ano da instituição. A adaptação ao novo ambiente escolar foi gradual e, com o tempo, o medo inicial de ministrar aulas foi diminuindo.

O fato de eu ser uma nova integrante da escola despertou a curiosidade dos estudantes, o que aumentou o interesse deles pelas aulas. Essa curiosidade natural dos alunos em relação à minha pessoa, muitas vezes referida por eles como "estagiária", já que não conheciam nem entendiam muito bem como funcionava a residência e isso contribuiu positivamente para o engajamento nas atividades pedagógicas. A minha condição de "estagiária", portanto, acabou por facilitar a interação e o interesse dos alunos nas aulas.

A residência pedagógica proporcionou-me experiências ricas e aprendizados valiosos. Além disso, é crucial destacar a relevância desse programa para as escolas beneficiadas. A residência aproxima a realidade dos estudantes de escolas públicas à universidade, promovendo uma troca de conhecimentos e experiências. Essa integração entre ensino superior e educação básica enriquece e adapta as práticas pedagógicas às necessidades reais dos alunos, formando professores mais preparados e conscientes das especificidades do contexto escolar público.

Com o passar dos meses, também assumi o papel de estagiária na escola, uma vez que o período da residência pedagógica coincidiu com as disciplinas de estágio que eu estava cursando na universidade. Dessa forma, além de continuar ministrando aulas para o 1º ano "A" e "B", comecei a lecionar para a turma do 9º ano "B". Essa nova experiência foi bastante

tranquila, pois eu já possuía uma certa familiaridade com os alunos e com a professora de História, Rosimere Oliveira da Costa.

Na escola, havia duas professoras de História. A professora Rose era responsável pelas turmas do ensino fundamental, enquanto a preceptora Ana Cláudia era responsável pelas turmas do ensino médio. Essa divisão de responsabilidades contribuiu para uma organização mais eficiente do ensino da disciplina de História, permitindo um acompanhamento mais próximo e especializado dos alunos de cada nível de ensino.

Falando sobre as professoras da escola, é relevante destacar que o corpo docente era predominantemente feminino. A estrutura da escola, por não ser de grande porte, incluía uma sala dos professores de tamanho reduzido. Devido a essa limitação de espaço, havia uma divisão: alguns professores passavam os intervalos e as aulas "vagas" na pequena sala dos professores, enquanto outros se encontravam na sala dos computadores. Era nesta última que eu passava todas as minhas quartas-feiras.

Ressalto que uma das características das Escolas de Ensino em Tempo Integral (ECI) é proporcionar um ambiente diversificado, que possibilite experiências enriquecedoras aos alunos, por meio de bibliotecas, laboratórios e outros espaços educativos. Contudo, na prática, essa proposta se torna extremamente difícil de ser concretizada. Uma vez que a maioria das instituições não dispõe de infraestrutura adequada para implementar o que é proposto no papel.

Essa discrepância entre a teoria e a prática revela um grave problema no sistema educacional: a dificuldade de transformar planos educacionais em realidade efetiva. Muitas vezes, as políticas públicas e projetos educacionais são elaborados sem considerar as reais condições das escolas públicas. Falta de recursos financeiros, instalações inadequadas, e ausência de equipamentos essenciais são apenas alguns dos obstáculos que impedem a concretização dos objetivos das ECIs.

Esta situação crítica demanda uma reflexão profunda e ações concretas por parte dos gestores públicos e educadores. É imperativo que haja um esforço coletivo para assegurar que as escolas possuam os meios necessários para oferecer uma educação de qualidade, alinhada às demandas e expectativas contemporâneas. Somente assim será possível materializar os ideais propostos e garantir que os alunos desfrutem de um ambiente de aprendizado verdadeiramente enriquecedor.

Esses momentos passados na sala dos computadores foram de grande importância para a minha formação e compreensão da profissão docente. As interações com os colegas proporcionaram uma mistura equilibrada de descontração e aprendizado. Havia muitos momentos de risadas e diversão, que ajudavam a aliviar a tensão e a criar um ambiente de trabalho mais leve e amigável. No entanto, esses momentos também eram permeados por conversas sérias, conselhos valiosos e oportunidades de escuta atenta.

A convivência com as outras professoras e professores permitiu-me observar e aprender com suas experiências e práticas pedagógicas. As conversas informais revelavam estratégias de ensino, técnicas de gerenciamento de sala de aula e abordagens para lidar com os desafios diários da profissão. A troca de experiências entre os docentes foi fundamental para a minha formação, pois ofereceu exemplos práticos e reais sobre a dinâmica escolar, complementando o conhecimento teórico adquirido na universidade.

Além disso, a atmosfera colaborativa na sala dos computadores fortaleceu o sentimento de pertencimento e apoio mútuo entre professores. Esse ambiente propício ao diálogo e à cooperação evidenciou a importância do trabalho em equipe no contexto escolar, mostrando-me que a educação é, acima de tudo, um esforço coletivo. Essa vivência reforçou em mim a ideia de que ser professora vai além de ministrar aulas; trata-se de construir relações significativas, compartilhar conhecimentos e crescer continuamente através da interação com colegas e alunos.

Outra atividade que me marcou muito foi o evento promovido em alusão ao dia do historiador, desde o início do ano de 2023 a professora Ana Cláudia nos deixou a par da sua vontade em realizar um evento voltado a essa temática, ela contava com o nosso apoio para isso. O evento teve a culminância no dia 18 de agosto de 2023, realizado na escola Itan Pereira, a preceptora delegou para nós (residentes) a função de pensar e elaborar junto com os estudantes a dinâmica e atividades do evento.

Escolhi relatar sobre esse evento, pois para mim e para os estudantes ele se estendeu para além do dia da culminância, toda a experiência que tivemos nos momentos de confecção das maquetes, das roupas, dos alinhamentos feitos, foi divertida e enriquecedora, e julgo esse divertimento como fator principal para fortalecer laços com os estudantes. Mais um motivo para escolha, foi que depois do evento a minha relação com as turmas mais uma vez mudou, para além de termos mais intimidade, a confiança em mim como professora, foi algo que identifiquei que foi fortalecida.

Foto 10: Alunos caracterizados de faraó e Cleópatra.



(Fonte: acervo pessoal)

A foto acima ilustra bem a proximidade criada com os discentes. Nela, aparecem dois alunos do 1º ano “A”, turma na qual comecei a lecionar pouco depois de iniciar minhas atividades na escola. A primeira impressão que tive dessa turma, corroborada por comentários de outros professores, foi que seriam menos participativos durante as aulas. No entanto, com o tempo, percebi que essa aparente "falta" de participação na verdade era resultado de um desconhecimento das particularidades e da dinâmica da turma.

Após esse evento, comecei a perceber que a resistência que eles tinham foi dando lugar a um interesse maior pelas aulas e até a uma simpatia maior por minha pessoa. Até hoje, mesmo não estando mais atuando na escola, muitos me enviam mensagens e interagem comigo nas redes sociais. Isso me remete ao conceito de Larrosa (2002), sobre como vivemos muitas experiências e como poucas realmente nos tocam e ficam conosco e esse momentos para mim foi uma experiência que me tocou.

Bom, durante todo o mês de agosto estivemos focados em desenvolver ideias criativas, delegar funções de cada grupo etc. Confesso que foi um desafio para mim, pois fiquei responsável por duas turmas, 1º ano “A” e “B”, nestas tem cerca de 30 alunos cada, então organizá-los e conduzi-los foi desafiador, mas perceber o envolvimento deles, a colaboração,

foi algo muito prazeroso. Envolvimento esse que aconteceu principalmente no dia do evento, chegaram cedo, organizaram as salas de aula, ao final limpavam as salas, enfim vestiram a camisa do que foi proposto.

Após expor para eles a ideia do projeto, deixei uma aluna responsável por criar um grupo no WhatsApp para trocarmos ideias, orientações e referências do que poderia ser desenvolvido, de início foi o que aconteceu, chegando próximo ao dia do evento, separamos um momento em sala de aula para ouvir as ideias dos estudantes e para expor algumas referências, neste mesmo momento conseguimos separá-los em grupos entre 5 e 6 pessoas as quais ficaram responsáveis por pesquisarem/confeccionarem aquilo que mais lhe interessassem.

Após isso a lista do material que precisaria foi feita por mim e pela professora preceptora, como na escola não havia a maioria dos materiais, a preceptora tirou do seu bolso o dinheiro para comprar, fiz a compra dos materiais necessários e dois dias antes levei para escola, nestes dias tivemos que pedir para alguns professores a colaboração para que os estudantes pudessem se retirar da sala de aula para confeccionar o que seria exposto, horários como os de intervalo para lanche e almoço também foram utilizados.

Destaco que a falta de tempo para a realização desse tipo de atividade comprometeu significativamente o andamento do projeto. É oportuno refletir sobre a carga horária dos estudantes, que não inclui aulas dedicadas às artes, além da ausência de um espaço adequado para essas atividades. Para realizar o projeto, os alunos tiveram que comprometer seus horários de alimentação e descanso. Mais uma vez a falta de estrutura apropriada para um ensino de tempo integral, faz com que não haja tanta contemplação a uma educação mais holística e integrada, proporcionando um ambiente propício ao desenvolvimento das diversas competências dos alunos.

Ainda refletindo sobre o pensamento Larrosa sobre experiência, a escolha de relatar essa prática foi por conta de como essa experiência me tocou. “Experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” (LARROSA, 2002, p. 20). Acredito eu, que para os estudantes essa experiência também os tocou, foi um momento de descontração para todos, ao mesmo tempo que tiveram responsabilidade para prepararem tudo, no dia eles se divertiram apresentando as suas pesquisas.

A atividade aproximou-se das ideias de Paulo Freire (2019) sobre a autonomia dos estudantes, promovendo um ambiente educacional que incentivou essa autonomia. Nesse dia, os alunos conduziram a aula com base no que aprenderam anteriormente, contribuindo significativamente para o próprio conhecimento e o dos colegas que assistiram às apresentações. Essa prática estimulou a curiosidade, a reflexão crítica sobre temas como o Egito Antigo e o Mundo Grego, e incentivou a participação ativa dos estudantes, alcançando o objetivo desejado.

Ao final da experiência proporcionada pela Residência Pedagógica (PRP), obtive aprendizados valiosos como professora em início de carreira. Para os estudantes, foi uma oportunidade de sair da rotina, produzir e aprender através de suas criações. O programa ajudou-me a enfrentar desafios da docência e aumentou minha paixão pela educação. Para os alunos, foi uma chance de inovar, superar o medo de falar em público e adquirir novos conhecimentos de forma dinâmica e envolvente.

Foi gratificante ver os estudantes envolvidos e comprometidos. Observá-los estudando e preparando-se para explicar seus trabalhos foi enriquecedor. Inicialmente, acreditei na necessidade de uma organização rígida, mas a orientação da professora Regina Coelli me incentivou a permitir que os alunos conduzissem as atividades e se expressassem livremente, criando um ambiente mais descontraído. Nunca esquecerei desse conselho tão simples, mas que tem sido bastante útil para mim.

Hoje, trabalhando em outra escola, no estado do Ceará, na minha cidade natal, há momentos em que os estudantes estão agitados, conversando, muitas vezes fora de seus lugares. Nesses momentos, paro por um instante e lembro-me desse conselho: deixá-los se expressarem cada qual à sua maneira. Não me irrita, nem tento controlá-los. Aliás, este não é o tipo de educação que me atrai. Sem dúvidas, o ano em que estive como residente me engrandeceu mais do que qualquer outro.

Além disso, a interação durante esse período foi completamente diferente do usual. Pude estabelecer diálogos mais profundos com alguns estudantes que, durante as aulas regulares, eram menos participativos ou mais indisciplinados. Esses discentes assumiram a responsabilidade de fazer o evento acontecer, mostrando um compromisso e uma dedicação que não eram evidentes nas aulas tradicionais. Essa experiência despertou neles um senso de responsabilidade e comprometimento com o trabalho proposto.

Sem dúvidas, essa prática desafiou minhas habilidades docentes, mas também me mostrou que existem outras formas de construir conhecimento além do tradicionalismo

educacional. Pude perceber que a educação pode ser mais colaborativa e dinâmica, envolvendo os estudantes de maneira ativa no processo de aprendizagem. Essa vivência reforçou a ideia de que o conhecimento pode ser construído de diversas formas e que o papel do educador é, muitas vezes, orientar e facilitar esse processo, permitindo que os estudantes encontrem suas próprias maneiras de aprender e se expressar.

Antes de concluir este capítulo, gostaria de compartilhar algumas fotos do evento que relatei aqui. É importante ressaltar que tudo foi feito com recursos limitados: poucos materiais, pouco tempo e infraestrutura insuficiente. A preceptora teve que arcar com os custos de muitos materiais para que o evento acontecesse. Infelizmente, com o meu pouco tempo de experiência, percebo que esta é a realidade em muitas escolas do nosso país, até mesmo nas que são consideradas referências.

Foto 11: Projeto sobre o rio Nilo do Egito.



(Fonte: acervo pessoal)

Foto 12: Projeto sobre a mumificação.



(Fonte: acervo pessoal)

Foto 13: Discente representando os escribas.



(Fonte: acervo pessoal)

Foto 14: estudantes caracterizados de deuses gregos



(Fonte: acervo pessoal)

Paulo Freire enfatiza a necessidade de uma educação que promova a autonomia dos estudantes e os incentive a participar ativamente do processo educativo. A prática pedagógica descrita neste capítulo, especialmente no evento em alusão ao dia do historiador, exemplifica como um ambiente educativo pode se tornar um espaço de libertação e criatividade. Os estudantes foram convidados a sair da passividade típica da sala de aula tradicional para se tornarem protagonistas do seu próprio aprendizado. Essa abordagem freiriana de educação como prática de liberdade é fundamental para desenvolver cidadãos críticos e engajados.

Por outro lado, Michel Foucault, em "A Escrita de Si", aborda a importância da reflexão e da auto-narrativa como formas de compreender e transformar a si mesmo. Ao relatar minhas experiências, práticas de ensino e os desafios enfrentados, envolvi-me em um processo de autoanálise que permitiu uma compreensão mais profunda do meu papel como

educadora. Essa escrita sobre si não é apenas um relato de eventos, mas uma forma de construção de identidade e prática reflexiva, alinhando-se com a ideia foucaultiana de que a escrita de si é uma prática de liberdade e autoconhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar este relato, sinto-me profundamente tocada pelas ideias e experiências que permearam a minha jornada na residência pedagógica. Cada encontro com os estudantes, com os professores da escola, com os colegas residentes, cada desafio enfrentado e cada aprendizado adquirido deixaram marcas indeléveis em minha formação como educadora. Paulo Freire, com sua pedagogia libertadora, ressaltou a importância de empoderar os estudantes como agentes ativos na construção do conhecimento.

Durante minha participação na residência pedagógica, testemunhei o poder da autonomia dos estudantes, especialmente durante a organização do evento em homenagem ao dia do historiador. Ao conceder-lhes espaço e voz, percebi como eles não apenas absorveram o conteúdo, mas o internalizaram, tornando-se protagonistas de sua própria aprendizagem. As reflexões de Jorge Larrosa sobre a experiência como algo que nos toca e nos transforma ecoaram em cada momento compartilhado com os estudantes e colegas.

Cada desafio enfrentado foi uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional, moldando-me como educadora e ampliando minha compreensão sobre o papel da educação na vida dos estudantes. A escrita sobre si de Michel Foucault proporcionou-me uma ferramenta poderosa para refletir sobre minhas experiências, interpretá-las e ressignificá-las. Ao escrever este relato, não apenas registrei os acontecimentos, mas também os reinterpretei, compreendendo melhor meu papel como educadora, minhas escolhas e meus desafios.

Ao final deste trabalho, percebo que a educação vai além das salas de aula e dos conteúdos programáticos. É uma jornada de descobertas, encontros e transformações mútuas. Sinto-me honrada por ter tido a oportunidade de fazer parte desse processo, aprendendo com os discentes, colegas e, sobretudo, comigo mesma. A residência pedagógica foi um marco em minha trajetória profissional, proporcionando-me não apenas bagagem acadêmica, mas também crescimento pessoal e emocional. Com gratidão, encerro este relato, confiante de que esta experiência será apenas o começo de uma longa e gratificante jornada na busca por uma educação mais significativa e libertadora.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 58ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019.

INGLEZ, Ítalo Severo Sans. **Aulas de campo como estratégia de integração entre espaços educativos não formais e escola: o rio pardo como local para abordar uma educação ambiental**. Vitória: Ifes, 2018.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência***. *Revista Brasileira de Educação*, Espanha, n. 19, p. 01-11, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.